

ANÁLISE



Belém

Sim, senhor Presidente

Por esta altura esvaziam-se gavetas e prateleiras no Palácio de Belém. A equipa de Cavaco Silva está de saída. Marcelo Rebelo de Sousa toma posse como Presidente da República no dia 9 de Março e o novo "staff" presidencial prepara-se para conhecer os cantos à casa. Sempre que muda o Chefe do Estado, mudam também as caras. Mas, afinal, o que fazem os "homens" do Presidente?

FILIPA LINO
filino@negocios.pt



émi

O avião militar fez-se à pista. Lá dentro seguia o Presidente Ramalho Eanes com destino a Luanda, para participar nas cerimónias fúnebres de Agostinho Neto, o Presidente angolano. Estávamos em Setembro de 1978. Todo o aparelho foi inspecionado meticulosamente pelos serviços de segurança do Presidente.

“Quando o avião já estava para sair, aparece um sujeito a correr com uma grande coroa de flores para o funeral”, recorda o general Garcia dos Santos, na altura chefe da Casa Militar. A coroa entrou no aparelho sem passar pelo crivo da segurança e o avião levantou voo. Passado algum tempo, há um alerta de bomba. “Não havia nenhuma hipótese a não ser aquela coroa de flores”, diz. Garcia dos Santos entrou de imediato em contacto com Ramalho Eanes via rádio. Era preciso agir rápido. O avião já tinha passado do meio da viagem. Não valia a pena voltar para trás. Decidiram aterrar em Bissau. Felizmente, foi apenas um susto. Não havia bomba nenhuma. “Enquanto esse assunto não se esclareceu, é claro que estivemos sempre com o coração na boca”, recorda o general.

Garcia dos Santos foi um dos homens mais próximos de Eanes no Palácio de Belém. Já eram amigos antes de Eanes ganhar as eleições em 1976. Entraram na mesma altura para a Escola do Exército em 1953. Para chefe da Casa Civil, Eanes escolheu outro homem da sua confiança, Henrique Granadeiro, o antigo “chairman” da PT, que ainda hoje se confessa um “grande amigo e sobretudo um admirador” do primeiro Presidente da República eleito após o 25 de Abril. Admite que os quase três anos em que esteve no Palácio de Belém “foram tempos duros”, mas ao mesmo tempo guarda boas memórias. “Havia a noção de que tínhamos de tirar o país de uma situação de confronto”, diz. Os tempos eram conturbados, ex-

plica. “O 11 de Março tinha criado grandes fracturas no país e grandes confrontações. Pacificar tudo isso foi uma tarefa fantástica.” A equipa de Eanes em Belém era pequena e jovem. “Aquela gente era toda muito ligada”, afirma Garcia dos Santos. E sublinha que teve uma boa relação com Granadeiro. “Ficámos amigos do peito.” O secretário-geral era, então, Luís Pereira Coutinho, um funcionário público que vinha do tempo do Presidente Américo Tomás. Eanes manteve-o no cargo.

Joaquim Aguiar foi assessor político do general também nessa altura. Explica que foi preciso criar do zero a estrutura de apoio ao Presidente da República na Casa Civil. O economista recorda que entrou no Palácio de Belém dois dias antes de Eanes. “Tivemos de inventar tudo”, diz. Ficou definido que só havia oito assessorias. E explica porque: “Na Presidência, não pode haver um Governo sombra.” Depois, cada assessor podia ter inúmeros consultores. “Os consultores não estavam obrigados a dedicação exclusiva, faziam outras coisas cá fora. Era isso que dava flexibilidade para que o Presidente pudesse ter muitos ou poucos, conforme as necessidades”, afirma Joaquim Aguiar.

UMA CASA CIVIL À MEDIDA

Cada Presidente da República “constrói” a Casa Civil à sua medida e de acordo com as suas prioridades. O núcleo duro é escolhido a dedo com base na confiança pessoal. Mas Joaquim Aguiar sublinha que na Presidência da República “só o Presidente existe”. Os colaboradores não são protagonistas. “Quem trabalha com o Presidente não pode ter a ilusão de que o vai influenciar. No momento em que criar essa imagem, é o próprio Presidente que o vai afastar”, considera.

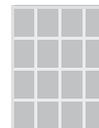
Carlos Gaspar, antigo assessor e consultor de vários Presidentes, concorda. “Os Presidentes da República decidem sozinhos e os seus conselheiros, in-

página 12

Chefe da Casa Civil

É uma espécie de “braço-direito” do Presidente da República cuja missão é fazer a ligação do Chefe do Estado aos vários sectores da sociedade civil, incluindo o Governo. Sendo o principal conselheiro político do Presidente, reúne-se regularmente com membros do Executivo, nomeadamente com a Presidência do Conselho de Ministros. Cabe-lhe fazer todo o trabalho de bastidores para assegurar um quadro de cooperação institucional. Quando não existe chefe de gabinete (um lugar opcional), acumula as duas funções. A Casa Civil tem assessores e consultores especialistas de diferentes áreas. São escolhidos a dedo pelo Presidente. O número de consultores na Presidência da República é ilimitado, além das áreas fundamentais varia de acordo com os dossiês a que cada Presidente quer dar relevo.





ANÁLISE

Os homens dos Presidentes

Já estiveram ao serviço de Presidentes da República. Conhecem bem os bastidores do Palácio de Belém e assistiram de perto a momentos marcantes da história do país. Guardam boas memórias desses tempos.

página 11

ternos ou externos, formais ou informais, podem não ter qualquer intervenção relevante e peso nenhum na decisão final.”

Para este especialista em Relações Internacionais, que preferiu responder por escrito ao Negócios e na qualidade de analista político, há três modelos de organização das estruturas de apoio ao Presidente. Ramalho Eanes e Cavaco Silva escolheram o “modelo hierárquico”, em que “o acesso de assessores e consultores é condicionado, mediado e filtrado pelos chefes das Casas Civil e Militar, eventualmente com o chefe de gabinete como via de recurso”. Mário Soares escolheu o “modelo em estrela” – era uma “personalidade solar”. Ou seja, “não aceitava que existissem quaisquer impedimentos no acesso directo dos seus assessores e consultores”. Carlos Gaspar recorda ainda que Soares “tinha horror às reuniões e aos quadros formais de decisão no processo interno e preferia decidir à mesa, ao almoço ou ao jantar, em ‘petit comité’”. Joaquim Aguiar confirma. Soares reunia-se com muito frequência com o seu “staff”, mas não gostava da sala de reuniões do Palácio de Belém. “Era menos convencional”, conclui. Jorge Sampaio seguiu o “modelo da Távora Redonda”, diz Carlos Gaspar. Era um Presidente que gostava de “deliberar à mesa do Conselho, com documentos, tomando notas, e em colectivo, com a participação e intervenção de um número importante de assessores e consultores”.

Alguns ex-Presidentes conseguiram estabelecer relações fortes com os seus colaboradores mais próximos. Eanes é um desses exemplos. Garcia dos Santos realça o “sentido de humor” do general. “Embora tenha aquele aspecto sério, muito rígido, no fundo não é nada assim. Não tem jeito para contar anedotas, mas quando diz uma piada tem imensa graça”, diz a rir. Eanes almoça ainda hoje com regularidade com antigos colaboradores mais chegados no Palácio de Belém.

A EQUIPA DE MARCELO

Marcelo Rebelo de Sousa está a divulgar a “contagotas” os nomes da equipa que o vai acompanhar na Presidência da República. E não é certo que no dia da tomada de posse, marcada para a próxima quarta-feira, a lista já esteja fechada. Na quinta-feira, foram conhecidos mais alguns assessores. O advogado Miguel Nogueira de Brito fará a assessoria jurídica e Luís Ferreira Lopes, jornalista da SIC, ficará com a assessoria na área das empresas e inovação. Pedro Mexia, ex-director da Cinemateca Portuguesa, será o consultor na área cultural. Marcelo vai manter o actual assessor de política de Cavaco Silva, António Araújo. O chefe da Casa Civil também já está escolhido. Será Fernando Frutuoso de Melo, um diplomata, que é actualmente o director da política de cooperação e da ajuda externa da Comissão Europeia. A liderar a Casa Militar estará o general João Carvalho Cordeiro, um piloto aviador que é agora o representante militar de Portugal em Bruxelas, junto da NATO e da União Europeia. Enquanto não toma posse como Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa montou o seu “quartel-general” no Palácio de Queluz. É lá que tem reunido com algumas personalidades, entre elas o primeiro-ministro, António Costa. Certo é que trará uma novidade ao Palácio de Belém. Pela primeira vez na história da democracia, não haverá primeira-dama ■



HENRIQUE GRANADEIRO

Chefe da Casa Civil de Ramalho Eanes

É conhecido como o antigo “chairman” da PT, mas o seu percurso profissional nem sempre foi nas empresas. Ramalho Eanes escolheu-o para chefe da Casa Civil, quando foi eleito Presidente da República, em 1976. Já se conheciam e havia uma relação de confiança. Ficou quase três anos no cargo. Tinha o pelouro das “relações com os sindicatos”, um dossiê “quente” na altura. Quando terminou funções, foi condecorado com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo. Neste momento, está dedicado ao negócio dos vinhos.



GENERAL GARCIA DOS SANTOS

Chefe da Casa Militar de Ramalho Eanes

Ramalho Eanes escolheu o antigo colega da Escola do Exército e amigo para chefe da Casa Militar. Quando chegou a Belém, Garcia dos Santos não conhecia Henrique Granadeiro mas ficaram “amigos do peito”. O Presidente ajudou a criar “uma boa relação”, sublinha. Foi responsável pela Casa Militar durante cinco anos. Saiu em 1981 para assumir o lugar de chefe de Estado-Maior do Exército. Em 2014, demitiu-se de vogal do Conselho das Ordens Nacionais, em ruptura com Cavaco Silva.



JOAQUIM AGUIAR

Assessor político de Eanes e consultor de Mário Soares

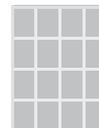
Entrou no Palácio de Belém em 1976, dois dias antes de Eanes. “As funções técnicas que são precisas para aconselhar um Presidente tiveram de ser todas inventadas” nessa altura, diz. Foi assessor político do Presidente Ramalho Eanes e consultor do seu sucessor, Mário Soares. “Na Presidência, só conta o Presidente”, sublinha. Os assessores estão na sombra e o Chefe de Estado “fará o que quiser com a informação que lhe é transmitida”. Joaquim Aguiar é actualmente administrador do Grupo José de Mello.



CARLOS GASPAR

Consultor político de Eanes e Soares e assessor de Sampaio

Entrou na equipa de Joaquim Aguiar como consultor político da Casa Civil do Presidente Eanes em 1977. Função que manteve durante os dois mandatos de Mário Soares. Mais tarde, fez parte da equipa de assessores de Jorge Sampaio no Palácio de Belém para os Assuntos Políticos, Parlamentares e Regionais. Carlos Gaspar é actualmente membro da direcção do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI), da Universidade Nova de Lisboa.



Quem rodeia o Presidente da República?

Há um núcleo duro que garante os serviços de apoio ao Chefe do Estado. São, na maioria, pessoas escolhidas a dedo pelo Presidente, com base na confiança. Sempre que chega um novo "inquilino" ao Palácio de Belém, há muitas caras que mudam.



Chefe de segurança

O lugar é ocupado por um oficial da Polícia de Segurança Pública (PSP). Tem como função gerir as equipas do corpo de segurança pessoal do Presidente da República (os seguranças que andam à paisana) e também a coordenação da segurança ao perímetro interno do Palácio de Belém. Trabalha em coordenação com a Guarda Nacional Republicana (GNR), cuja responsabilidade é garantir a segurança do perímetro externo do Palácio, nomeadamente o controlo das portas de acesso, muros e jardins. Os elementos da GNR estão à porta do Palácio de Belém e fazem o render da guarda.



Chefe da Casa Militar

O Presidente da República é o Comandante Supremo das Forças Armadas. Nesse sentido, a Casa Militar é um serviço de apoio ao Presidente para o servir nessa qualidade. O chefe é uma escolha pessoal e de confiança. Faz a "ponte" entre o Presidente e as autoridades militares. É, obviamente, um militar que tem três assessores, um de cada ramo das Forças Armadas. A Casa tem ainda ajudantes de campo. São oficiais que têm como função acompanhar o Presidente para toda a parte.



Secretário-geral

É o mestre de cerimónias sempre que o Presidente dá posse a um novo Governo. É nessa função que sai dos "bastidores". O seu trabalho é administrativo. Este lugar é ocupado por um funcionário público que lidera os serviços administrativos que dão apoio à Presidência da República, incluindo o apoio à Chancelaria das Ordens Honoríficas Portuguesas. É ele também o responsável pela gestão do pessoal que trabalha no Palácio de Belém. Tem ainda como função elaborar o orçamento da Presidência da República e o relatório e a conta de gerência. Não é uma escolha do Presidente, mas este tem uma palavra a dizer na sua manutenção no cargo. Cavaco Silva, por exemplo, mudou o secretário-geral que "herdou" de Jorge Sampaio.



Chefe do Centro de Comunicações

Actualmente, é um major do Exército que tem estas funções. Mas o cargo vai rodando pelos três ramos militares. Este centro funciona 24 horas por dia e assegura todas as comunicações "normais" da Presidência da República (por rede fixa, móvel e rádio) e também as que o Presidente estabelece por linhas e redes "não comuns". São estes militares que garantem que as intervenções públicas do Presidente ou as suas comunicações ao país, gravadas ou em directo, chegam ao auditório nas melhores condições.



Médico

O serviço de apoio médico ao Presidente da República é composto por um médico e um enfermeiro. Daniel de Mattos, especialista em Medicina Interna, está nesta função há vários anos. Tratou da saúde de Mário Soares, Jorge Sampaio e Cavaco Silva.